

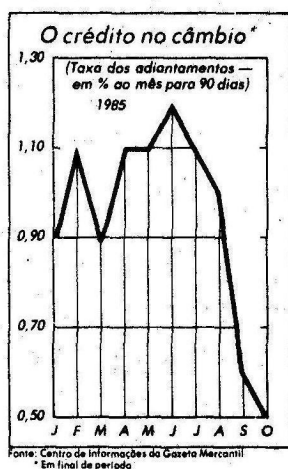
# Exportadores pagam menos com a liquidez no crédito externo

por Maria Christina Carvalho  
de São Paulo

O crédito na carteira de câmbio nunca esteve tão barato quanto no mês de outubro. As empresas de primeira linha chegaram a levantar recursos sem pagar nada antes de ter os dólares disponíveis. Os adiantamentos garantidos pelos contratos de câmbio — o chamado adiantamento sobre o contrato de câmbio (ACC) — saíram a custo zero, mesmo quando os dólares somente seriam entregues em 45 dias.

Inclusive operações mais longas estavam baratas: se o exportador promettesse entregar os dólares em 180 dias, o custo do adiantamento seria apenas 1% ao mês mais a correção cambial.

Caso o exportador já tivesse o saque a prazo aceito pelo comprador e quisesse descontá-lo para levantar recursos, o custo também seria extremamente interessante. Em outubro foram feitos descontos de saque por taxas inferiores ao custo da linha externa necessária para que o banco possa fazer o desconto. Com a garantia do saque, o banco levanta crédito no exterior, pagando a taxa interbancária de Londres (Libor) mais um "spread". Troca as divisas por cruzeiros e os repassa ao exportador cobrando antecipadamente os juros.



Nesta semana foi feito um desconto de saque de 180 dias pela taxa de 7% ao ano. Somente a Libor custou no dia 8,375% ao ano pelo período de 180 dias. Mais um "spread" ao redor de 1,5% e o custo da linha externa sairia por quase 10% ao ano. Praticamente 3 pontos acima da taxa cobrada do exportador. Apesar de os juros serem antecipados, ainda assim o custo é interessante ao exportador.

## TRAVA

No caso de a empresa não precisar dos cruzeiros, conseguiria na carteira de câmbio uma boa alternativa de aplicação dos recursos gerados pela exportação: a chamada "trava de câmbio". Na trava, o ex-

## Folga de US\$ 400 milhões

por Maria Christina Carvalho  
de São Paulo

O diretor da Área Externa do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas, confirmou na sexta-feira que há realmente uma folga na utilização das linhas comerciais do projeto III de renegociação da dívida externa.

Dos US\$ 10 bilhões comprometidos no projeto III, US\$ 300 milhões a US\$ 400 milhões não estão sendo no momento aplicados no financiamento ao comércio exterior por causa da redução da procura, segundo as estimativas do Banco Cen-

tral (BC). Freitas observou inclusive que "há bancos credores prontos a ampliar a sua posição no projeto assim que a demanda aumentar".

Freitas disse que é difícil precisar exatamente o valor da sobra, pois nem toda ela está depositada no Banco Central.

Há alguma defasagem na conciliação de dados e há também o colchão de liquidez dentro do projeto. Ele também confirmou comentários de que a folga estaria contribuindo para reduzir o "spread" cobrado pelos credores para até menos de 1%.

portador vende ao banco os dólares antes mesmo de recebê-los, mas não pega o adiantamento dos cruzeiros e recebe, por isso, um prêmio. O prêmio de uma trava por 180 dias girou entre 12,50 e 13% ao mês, o que corresponde a um ganho real de 3,2 a 3,7% líquidos pois a trava não é tributada pelo Imposto de Renda.

A principal razão de as taxas de crédito estarem baixas nas carteiras de câmbio, segundo o gerente de uma grande instituição, é a folga existente nas linhas externas comerciais — que constituem o chamado projeto III (ou C) de renegociação da dívida externa —, causada pela redução dos fechamentos de contratos de câmbio.

"Os bancos estão lutando para manter as linhas de crédito internacional, disputando os negócios de exportação. Por isso aumentou a concorrência a nível de taxas oferecidas aos exportadores, que acabaram ganhando crédito bem mais barato", disse.

## COMPETIÇÃO

José Sampaio Filho, diretor executivo da área internacional do Banespa, confirma a folga nas linhas de crédito comercial, mas observa que os privilegiados são os bancos de primeira linha e os associados ou filiais de instituições estrangeiras. "Os problemas de liquidez ocorridos no início do ano em alguns bancos brasileiros levaram os credores a concentrar seus financiamentos nas grandes instituições, forçando-as a ampliar seus negócios de comércio internacional."

Mesmo assim, o gerente

da carteira de um banco filiado a uma instituição europeia reclamava que tinha US\$ 100 milhões de crédito externo, mas não conseguia utilizá-lo, porque perdia na competição de taxas. Segundo Sampaio Filho, outro sinal da folga no crédito comercial externo é que os grandes bancos tomadores de recursos raramente pagam hoje 1,5% de "spread".

Segundo Sampaio Filho, é difícil dimensionar com precisão o tamanho da folga no projeto III. "Teoricamente, o dinheiro que está sobrando estaria depositado no Banco Central."

## LINHAS

Mas Sampaio Filho observa que o volume depositado no BC não deve refletir com realidade o nível da folga. John Wright, da área internacional do Lloyds Bank, acrescenta que não há o menor interesse dos bancos brasileiros em perder as linhas avidamente disputadas nem do credor em depositar os recursos no Banco Central, pois a remuneração é bastante inferior. Os depósitos no BC são remunerados com a Libor mais 0,625%. Já os juros pagos por um banco tomador são em geral de Libor mais 1 a 1,5% de "spread".

Muitos bancos tomadores estariam mantendo as linhas, apesar de não terem operação comercial, aplicando-as no mercado financeiro internacional à espera de uma oportunidade para usá-las, com evidente queda na rentabilidade. "Não existe aplicação no mercado internacional que pague acima da Libor", diz Sampaio Filho.